

Encontro de Boas Práticas dos Professores de Matosinhos

Gonçalo Cadilhe: um viajante entre viagens

Agrupamento de Escolas de Padrão da Légua

7 de julho de 2017, das 9.00 às 13.00h

Maria Dulce Soares

A stylized graphic of a mountain range in shades of brown and grey, positioned at the bottom of the slide. The mountains are rendered in a simple, geometric style with varying heights and peaks.

PARA QUÊ VIAJAR? Para mim, a viagem é um catalisador do destino. Obriga a que aconteçam coisas. Por exemplo, encontrar pessoas que de outra forma nunca teriam cruzado as nossas vidas.

Gonçalo Cadilhe

What is important is the travellers' relation to the country they are visiting, how they as subjects relate to the object, human or not. How they construct a bridge between the information they have before entering the country, what they have read, especially how they differentiate themselves from previous travellers.

Gonçalo Vilas-Boas

Maria Dulce Soares

7 de julho de 2017

O que me preocupava era escrever bem, semana após semana. Captar o leitor, conquistar um espaço no *Expresso*, dar uma dimensão literária à minha volta ao mundo. O objetivo final, para mim, não era terminar a viagem – era editá-la em livro.

(Cadilhe 2007:9)

DESEMBARCO EM BOMBAIM mas não estou preparado. Acontece finalmente o choque cultural, a ausência de pontos de referência, de uma ponte. Que mundo é este onde me encontro? (...) Começa a descoberta da Índia. Atravesso urbanizações, por terminar, depois condomínios de luxo, depois ainda bairros de lata, plástico e cartão.

A miséria e a opulência coexistem de mãos dadas, são duas faces da mesma partida do destino (...) Da janela do comboio observo a mais miserável das condições humanas, a de ser um desgraçado em Bombaim. (...)

Crianças que brincam na lama, mulheres que lavam roupa num charco peçonhento, velhos que contam histórias, homens que conduzem bestas de carga, um homem que defeca num monte de lixo e olha para o comboio, gente que negocia, contrata, come, cospe, acerta o relógio de pulso, gente que sorri, que se ama e à noite faz amor e mais filhos nos cubículos de lata, plástico e cartão (...) aqui, a ponte entre o Inferno e o Paraíso não dura a eternidade, dura o tempo de uma existência.

(Cadilhe 2007:211-212)

Maria Dulce Soares

7 de julho de 2017

Chegámos a Bombaim numa madrugada de Novembro de 1951. Lembro-me da intensidade da luz, apesar da hora prematura; lembro-me também da minha impaciência perante a lentidão com que o barco atravessava a quieta baía. (...) Desci a escada a correr e lancei-me na cidade. Lá fora esperava-me uma realidade insólita:

vagas de calor, vastos edifícios cinzentos e vermelhos como os de uma Londres vitoriana erguidos entre as palmeiras e os vendedores ambulantes, os *banianos*, como um pesadelo pertinaz, paredes leprosas, largas e bonitas avenidas, grandes árvores desconhecidas, ruelas malcheirosas,

torrentes de automóveis, vaivém de gente, vacas esqueléticas sem dono,
mendigos, carros de char puxados por bois abúlicos, rios de bicicletas, (...)
rajadas de mau cheiro, matérias em decomposição, hálitos de
perfumes frescos e puros, (...)
jardins públicos asfixiados pelo calor, macacos nas cornijas dos prédios,
merda e jasmims, crianças vagabundas, (...).

(Paz 1998:11-14)

Olho para o mapa do continente e pergunto-me por onde ir. Não sei. Uma faixa de guerra, caos, doença, fome e abandono atravessa África do Atlântico ao Índico, corta o continente em dois. Uma cadeia infernal, um colar de espinhos que chega ao Ocidente sob a forma de colares de diamantes, barris de petróleo, barras de ouro, madeiras exóticas: o Congo, o Burundi, o Ruanda, a República Centro-Africana, o Sudão. Uma barreira sem passagens evidentes. Uma porta fechada.

(Cadilhe 2007: 18)

É assim que respondo ao agente à paisana: desaparece, vai dar uma volta. É um grande erro. O «pide» irrita-se, agarra-me no braço e chama um colega, uma mulher: os dois formavam um inocente casal que aparentava esperar pelo autocarro. Prendem-me. Levam-me a uma esquadra da CIO, a Central Intelligence Organization. Sou interrogado. Na sala ao lado, ouço um som seco seguido de um gemido. Outra vez, e outra. Estão a espancar alguém. Começo a ter medo.

(idem: 86)

Por vezes, as pessoas admiram-se com os sítios por onde passei. Exclamam: só te falta mesmo ir à Lua! Provavelmente, se somasse os quilómetros que tenho no corpo, dava, de facto, para ir à Lua e voltar. Mas penso depois: ir à Lua para quê?

(Cadilhe 2006:11).